

OFICINAS DE POESIA EM RIO GRANDE: O FAZER POÉTICO COMO APRENDIZADO

POETRY WORKSHOPS IN RIO GRANDE: DOING POETRY AS LEARNING

Recebido: 06/07/2022

Aprovado: 30/07/2022

Publicado: 13/10/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i3.2987

Cláudia Beatriz Pio Borges¹

Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0003-2327-4445>

Rosane Maria Cardoso²

Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-8471-307X>

Resumo: O presente artigo apresenta um relato de experiências proporcionadas pela realização de oficinas de poesia ministradas pela autora em Rio Grande (RS). Objetiva-se ressaltar o aprendizado adquirido ao longo da preparação, apresentação e realização dos trabalhos, a partir de um projeto que surgiu no meio acadêmico e foi apresentado à comunidade, em um movimento comunidade-academia (PRZYBYLSKI, 2018). Outrossim, quer-se refletir acerca das ideias que levaram à realização da ação, seu planejamento, bem como o aprendizado com a narrativa dos participantes e o retorno das poesias criadas nas oficinas através da publicação dos poemas em página da Internet, entendendo-os como escritores e narradores urbano-digitais (PRZYBYLSKI, 2018). Nesse sentido, salienta-se a importância dos estudos decoloniais, a partir de Santos (2009), 2004), Quijano (2005), entre outros e outras que comprovem a necessidade de termos um olhar mais apurado e crítico para com a nossa produção e de nossos poetas periféricos.

Palavras-chave: Oficina; poesia; decolonizar saberes.

Abstract: The present work intends to present the poetry workshops held by the author in Rio Grande (RS). The objective is to report the learning experience during its preparation, presentation and realization, from a project that emerged in the academic environment and was presented to the community, in a community-academy movement. (PRZYBYLSKI, 2018). Furthermore, we want to reflect on the ideas that led to the realization of the action, its planning, as well as the learning with the participants' narrative and the return of the poetry created in the workshops through the publication of the poems on a website, understanding them as writers, as urban-digital narrators. (PRZYBYLSKI, 2018). In this sense, the importance of decolonial studies will be highlighted, from Santos (2009), 2004), Quijano (2005), among others and others that prove the need to have a more accurate and critical look at our production and our peripheral poets.

Keywords: Workshop; poetry; decolonize knowledge.

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre as oficinas de poesia realizadas por mim, entre 2018 e 2021, na Cidade do Rio Grande – RS. Falarei das metodologias, seu público-alvo, dos participantes, da criação das oficinas ao projeto

¹ Licenciada em Letras – Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Mestranda em Letras pela mesma instituição. E-mail: claudiaborges@yahoo.com.br

² Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Pós-Doutora pela Universidad de Granada/Espanha. Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG. E-mail: cardoso.rosanem@gmail.com

final e das teorias que dão aporte para sua criação enquanto ensino e aprendizado. O oficinairo aprende e se encanta com a poesia que surge nas oficinas: poesia enquanto movimento e instrumento do eu que precisa dizer algo; oficina como provocação.

Em 2008 e 2009, atuei como professora de Língua Portuguesa em escolas estaduais do RS, na cidade do Rio Grande; ensino fundamental e médio. Na época, não existiam tantos coletivos de poesia e escrita atuando na cidade. E mesmo a atividade literária existente e de coletivos foi e ainda é pouco prestigiada. Há toda uma divulgação de muitos ativistas culturais realizadas dentro das escolas e alguns poetas e coletivos fizeram e ainda fazem entrega de livros nas bibliotecas públicas e escolares. Ainda assim, a atividade literária local não tinha grande visibilidade.

Lembro-me que a única atividade dentro da escrita literária que desenvolvi com os alunos foi a criação de um jornal da 5ª série, de uma das escolas, com textos dos alunos, impresso por mim, sem apoio da Direção da escola em questão. Não havia e acredito que ainda não há esse interesse pela atividade literária. Hoje, percebo que alguns professores conseguem maior divulgação dos textos dos alunos por haver mais uso da internet. Como nos diz Silva:

A rotina escolar, seus protocolos e procedimentos, por vezes, parecem terrenos hostis a arte em geral e da literatura em particular. A disciplina dos corpos e dos discursos, típica de uma organização tradicional que se presta ao amoldamento dos jovens a uma concepção de mundo e de sociedade, vai de encontro um potencial perturbador e contraditório assumido pelas obras de arte. (Silva, 2018, p. 11)

Nesse período de atuação profissional, pude perceber que o conteúdo tomava conta do cotidiano escolar. Trabalhar com textos, poesias ou escrita não valorização, não era habitual nas salas de aula. A disciplina de Língua Portuguesa era voltada para o conteúdo de gramática e a de Literatura tinha pouco espaço no âmbito escolar, fato que parece não mudou muito nos dias atuais.

Posteriormente, como poeta que sou e não atuando mais na área da docência, senti falta de um trabalho em sala de aula, de estar atuando no ensino/aprendizagem. Foi assim que criei a primeira oficina de poesia, unindo as duas coisas que amo fazer. Criei e inscrevi uma oficina para participação na Mostra de Produção Universitária da Universidade Federal do Rio Grande - MPU/FURG. A oficina: **hora de fazer poesia** foi a primeira de muitas, pois senti que deu tão certo

que precisava de outras edições, que vieram com outras roupagens ou nomenclaturas, devido ao aprendizado que cada uma proporcionou:

Antes de passar para o processo, há que se esclarecer que não se trata de uma receita de procedimentos institucionais de como ler, entender e escrever poesias, mas as atividades organizadas de modo a sensibilizar o prazer estético que o gênero proporciona. O planejamento delas implica em uma pesquisa de textos poéticos, informativos e teóricos que instrumente melhor o orientador, seja ele professor ou agente cultural, que munido deles possa esclarecer dúvidas que surjam por parte dos participantes e que contribuam para construção de um conhecimento coletivo. (RICHE, 2020, p. 102).

Um dos objetivos, em 2018, era trabalhar a poesia e descobrir novos escritores entre os próprios graduandos da Universidade. Gosto de lembrar das palavras de Lorde:

Para as mulheres, então a poesia não é luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria um tipo de luz sob o qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro com a linguagem, depois como ideia e então como ação tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos de nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias (LORDE, 2019, p. 45).

Assim surgiram as oficinas, com essa urgência vital de poesia. Do fazer poético como episteme, como parte do estudo e porque não dizer como parte da aprendizagem. Foram oficinas de aprendizados, de descobertas, de experiências.

No período em que as oficinas foram realizadas, tivemos vários formatos de oficinas, tanto presencial como virtual. No presencial, o formato era de sala de aula, mas em roda, onde todos liam, ouviam e discutiam poesia. As virtuais surgiram no período pandêmico e com formato que discutiremos adiante.

O que eu esperava era que graduandos de letras ou pedagogia (das licenciaturas) fossem os mais interessados em participar das oficinas, como experiência e como material para incluir nas salas de aulas, pois a proposta inicial envolvia o ensino/aprendizagem literários. Por isso, a primeira oficina foi planejada para o trabalho com alunos de licenciaturas, visto que a escrita seria um tema necessário no aprendizado dos alunos dos anos escolares. Mais que escrever poesia, a intensão era que esse trabalho pudesse ser feito nas suas salas de aula,

com futuros alunos. Mas a surpresa foi que não houve interesse pela poesia por parte de ninguém das áreas da licenciatura, fato que surpreende, pois a referida área deveria ter um envolvimento com a arte da escrita muito maior, no meu entendimento, enquanto formação profissional.

Os inscritos eram poetas, pessoas que já escreviam poesia ou gostavam do fazer poético. Pessoas que talvez nunca divulgaram ou apenas queriam aperfeiçoar a escrita poética. Nessa primeira edição, tive um aluno de Mestrado, natural do México e que, segundo ele, queria voltar a escrever poesia; duas poetas da cidade que queriam participar da atividade; uma participante da Universidade, e um pai poeta com seu filho adolescente. Numa das oficinas, ouvi de uma participante que havia ido prestigiar outra oficina que acabou não ocorrendo. Então, verificando dentre as oficinas abertas, escolheu se inscrever na de poesia.

Na primeira oficina, MPU de 2018, o formato foi o seguinte: no início das oficinas, fiz a apresentação e pedi que cada um dos participantes se identificasse e respondesse o porquê da escolha dessas oficinas. Após, dei uma explicação geral sobre poesia e houve uma conversa sobre o fazer poético e a diferença entre texto poético e não-poético. O trabalho se deu com o uso de textos mais canônicos para exemplificar o conteúdo. A proposta de escrita veio logo após, com a escolha de imagens. Levei fotografias para que a partir delas os poetas tivessem sua inspiração:

Pensar em literatura nos remete, em geral, ao registro textual, grafado em obras literárias canônicas, todavia, conforme este estudo vem comprovando, justificar a narrativa oral urbano-digital a partir do conceito de poética não se sustenta. Por seu lado, a partir do suporte de teorias de hipertexto, é possível falar em linguagem audiovisual, em internet, em imagens variadas, em pintura e gravura a partir da inscrição de todas essas manifestações artísticas num site da internet, sem perder de vista o conceito do objeto literário, independente de quem o produziu (PRZYBYLSKI, 2018, p.93)

Nessa primeira oficina, o objeto de estudo proposto foi mais canônico, mas o trabalho realizado e as produções poéticas foram a partir da arte da fotografia. É pertinente comentar que os poemas produzidos em todas as oficinas foram publicados na página do Facebook do coletivo **Poetas Papareias**, do qual faço parte, na cidade do Rio Grande. Nossa página agrega outros poetas e postagens referentes à arte, às atividades culturais que ocorrem na cidade, além de ser um

espaço de divulgação de poesia.

Ao final da realização da atividade de escrita, fazemos um mini sarau, no qual cada poeta apresenta seu poema. Nesse momento, solicito permissão para publicar o material criado na oficina. Em todas as oficinas que ministrei, os participantes sempre aprovaram a postagem do poema, inclusive cobravam a data da postagem e solicitavam página, site, dados de como acessar seu poema publicado. Assim, as atividades são compartilhadas. Como poeta, sei o quanto é difícil nos mostrar ou ter um espaço para publicação, ou, ainda, ter visibilidade diante do público leitor.. Somos, como chama Przybylski, “(re)mediadores”, pois nas oficinas acabamos por representar a instituição “somos (re)mediadores dos saberes dos moradores, cada vez que suas narrativas são inscritas em nosso site” (2018, p. 130-131).

Relato dos participantes

Na primeira oficina, fiz, ao final, um encontro com os participantes, momento em que trocamos ideias e recebi o *feedback* da oficina. Sempre há uma grande emoção de que tipo? de minha parte e também dos participantes que, muitas vezes, não conseguem divulgar o seu trabalho, por razões variadas.

Os participantes que mais marcaram sua passagem nas oficinas foram os que contaram suas histórias na apresentação ou ao final. O estudante de pós-graduação natural do México queria voltar a fazer poesia e encontrou, na oficina, essa oportunidade. A participante que foi fazer outra atividade e acabou na de oficina poesia. São alguns exemplos de diversidade de inscritos. Alguns participantes, quando do encerramento das atividades oficiais da oficina, retiraram seus poemas do “bolso”, além de mostrarem seus outros trabalhos e como realizavam a divulgação destes. Houve um que enquanto os outros terminavam suas atividades ele escrevia uma poesia no quadro da sala.

Contudo, o mais emocionante foi o pai que levou o filho adolescente. No momento da apresentação, esse pai, escritor de poesia, contou que estava desempregado, o filho estava no ensino médio e como não tinham nada para fazer em casa e ele não queria o filho na rua, aproveitou as oficinas que ocorreriam na Universidade e levou o filho para prestigiar. Procurou dentre as oficinas a que mais lhes convinha e como poeta que era, inscreveu-se na de poesia e levou o filho junto

na intenção que aprendesse poesia. Os dois escreveram poesia e o rapaz, de apenas 16 anos, leu com muita timidez seus escritos. Foi um momento de muita emoção. Lembro-me que esse pai interagiu muito na página dos **Poetas Papareias, quando da publicação da poesia.**

Quem conhece a Universidade Federal do Rio Grande, sabe que, no entorno, há muitas comunidades carentes que foram surgindo aos poucos. São bairros que necessitam de assistência social constante. Quando falo dessas comunidades lembro-me de Santos ao definir Fascismo Social:

Trata-se da segregação social dos excluídos através de uma cartografia urbana, dividida em zonas selvagens e zonas civilizadas. As zonas selvagens são as zonas de estado da natureza hobbesiano, zonas de guerra civil interna como em muitas megacidades em todo o Sul global. As zonas civilizadas são as zonas de contrato social e vivem em constante ameaça das zonas selvagens (SANTOS, 2009, p. 37)

Essas comunidades periféricas são o exemplo de exclusão que acontece em Rio Grande, iniciam-se com construções, sem infraestrutura, ou com realocação de moradores. Como nos diz Rolnik (2006):

A presença desse vasto contingente de assentamentos inseridos de forma ambígua na cidade é uma das mais poderosas engrenagens da máquina de exclusão territorial que bloqueia o acesso dos mais pobres às oportunidades econômicas e de desenvolvimento humano que as cidades oferecem. Essa situação de exclusão é muito mais do que a expressão das desigualdades sociais e de renda: ela é agente de reprodução dessa desigualdade. (Rolnik, 2006. p. 200.)

Hoje, ainda há comunidades isoladas, socialmente, apesar da proximidade da Universidade, ainda sinto esse afastamento, salvo alguns projetos que incluem o fazer dos moradores dos bairros. Geralmente, o que percebemos são pessoas fazendo algo nestes locais ou por eles, mas não exatamente a Universidade. Existem projetos isolados que os incluem como fonte de pesquisa e não do fazer. Creio que a Universidade deveria oferecer mais para os moradores do entorno. Sinto ainda essa linha abissal (conforme Santos, 2009) ainda presente precisa ser transpassada. Acredito que talvez a Curricularização da Extensão esteja surgindo como esta nova proposta, apenas após sua implantação e estudos sobre resultados

que poderemos saber.

Oficina como aprendizado

As oficinas serviram para ouvir outros poetas, momento de aprendizado, no qual se aprende preparando o material a ser levado, escolhendo as poesias a serem apresentadas e escutando os outros participantes e sua poesia. Conforme dito aqui, inicialmente foram trabalhados textos mais canônicos como Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes. Com o aprendizado, as participações em cursos e outros grupos, no último sarau foram utilizados para falar de poesia duas poetas de Rio Grande, procurando trabalhar com autoras não pertencentes ao cânone.

A preparação das oficinas sempre envolve a escolha de textos teóricos, partindo destes para outros textos, pois a intenção maior é fazer poesia e não apenas aprender sobre. Os textos teóricos contextualizam a aula e o trabalho realizado. A maioria dos inscritos não é da área de letras ou licenciatura, como já comentado, então há uma importância em levar alguma teoria para iniciar os trabalhos. Seguindo Araújo (2020) “não é possível pensar o ser humano isolado do mundo, sem relação com os seus espaços, com as suas relações sociais, seu contexto, sua realidade.” Procurei, inclusive a partir da primeira edição, trabalhar com fotos e textos que fizessem crítica social, com base em assuntos como: fome, guerras, violência contra mulheres. Na mesma linha, costumo levar, em todas as oficinas, uma foto da cidade do Rio Grande com paisagem de porto e praia, para que o espaço seja um local de arte, de criticidade e beleza. Conforme Silva (2018) valorizamos os autores, suas realidades:

Na medida em que valorizamos a voz discente, pareceu-nos que auxiliamos no permanente desafio de levá-las a testar hipóteses criativas e interpretativas sobre o texto literário, retirando-o do terreno do místico inacessível, por um lado, e da irrelevância, por outro (Silva, 2018, p. 11).

Também, cito Amâncio, para falar desse conhecimento que pode ser decolonizado:

Coloca-se então a questão de como tornar possíveis esses diálogos de saberes ou interepistêmicos? A resposta é, evidentemente, que eles só são possíveis pela via da de(s)colonização do conhecimento das instituições produtoras e administradoras do mesmo. (AMÂNCIO, 2020, P. 88)

Assim, faz-se essa valorização do local, do cotidiano, da vida das pessoas, através de temas conhecidos por elas. Levando o conhecimento da Universidade às pessoas e vice-versa.

Tempos pandêmicos

O ano de 2020 foi de muitas dificuldades, isolamento e sentimentos de medo e saudades das parcerias, das aglomerações e todo o aprendizado e a criatividade surgidas nelas. Num primeiro momento, o pensamento é que não iríamos longe com o isolamento, depois que não sabíamos quando iria acabar.

E como nos diz Santos (2020):

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI (Santos, 2020, p. 29)

Nesse sentido, os artistas e coletivos foram criando um modo todo seu de se articular. Nós, **Poetas Papareias**, que comemorávamos o lançamento de um livro infantil em fevereiro de 2020 e já tínhamos uma agenda de atividades culturais preparada de saraus e oficinas, tivemos que rever nossos conceitos e mudar a forma de nos comunicar.

Sendo assim, aquela rede social que servia para compartilhamento de poesia e atividades realizadas, pode ser também o local da própria atividade. Realizamos alguns saraus pelo Facebook e convidei uma das colegas do coletivo para ministrarmos uma oficina de poesia: Poesia na Pandemia, a qual realizamos em 2020, na MPU/FURG, virtualmente, contei com a colaboração de uma bolsista que enviou os e-mails e com a ajuda do Grupo de Pesquisa de Poéticas e Pensamento Decolonial, para organizar o link e receber os participantes.

Nessa oficina, trabalhamos com acrósticos. Inicialmente, apresentamos o conceito e, após, partimos para a realização dos trabalhos. Levamos um tema e fizemos uma rodada de poesia e leitura, após fizemos a segunda rodada e o encerramento.

A oficina Poesia na Pandemia, ministrada por mim e Lilian Ney, fez também parte da programação de oficinas da MPU 2020, da FURG. Foi o momento no qual todos retornavam as suas atividades remotas e aprendiam como usar as TIC e os aplicativos que podiam auxiliar em aulas e práticas pedagógicas. O aprendizado se deu para além de usarmos artigos tecnológicos antes desconhecidos, tivemos a oportunidade de ter participantes de outros estados, outras cidades, coisa que na oficina presencial não teria acontecido.

Em 2021, realizei a oficina “**Hora de fazer poesia**”. Essa oficina foi contemplada na lei Aldir Blanc³ de 2020 e realizada em 05/03/2021. Também trabalhei acrósticos e contei com a ajuda do Grupo de Pesquisa de Poéticas e Pensamento Decolonial, para organizar o link e receber os participantes na sala online. Pessoas que, devido ao isolamento, buscavam uma atividade diferente, fizeram poesia na oficina, bem como pessoas de outras localidades e que não eram poetas ou escreviam poesia. Para muitos, foi o primeiro contato poético. Esse foi o *feedback* que recebi quando publiquei não só na página do grupo, como nas outras oficinas, mas nas minhas redes sociais, em virtude de ser um projeto realizado em parceria com a prefeitura necessitava de uma grande divulgação.

Algumas fotos

Durante as oficinas, que duravam mais ou menos 2h30, tiramos algumas fotos para registrar o momento. A colega fotógrafa Paula Liaroma (também companheira do Coletivo Poetas Papareias) fez várias imagens em algumas das oficinas: Fig. 1, Fig.2 e Fig3. Na Fig.4, já temos o formato remoto/online no qual registramos as atividades através de *print* da tela.

³ A Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, conhecida como Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc, foi criada com o intuito de promover ações para garantir uma renda emergencial para trabalhadores e trabalhadoras da Cultura, e manutenção dos espaços culturais brasileiros durante o período de pandemia do Covid-19, reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 30 de março de 2020.



Fig. 1: Foto de Paula Liaroma (Oficina realizada em 2018)

Na edição de 2018, primeiro fizemos um poema a partir de uma fotografia e fizemos uma rodada de leitura das criações, após foram mostradas várias fotos para que oicineiro escolhesse livremente qual queria usar como fonte de inspiração. Na segunda edição, 2019, o icineiro não teve a opção de escolher, foram levadas duas fotos, uma para a primeira rodada Fig.2 e a outra para segunda rodada Fig. 3.



Fig. 2: Foto de Paula Liaroma (oficina de 2019)

Sobre a segunda rodada de poesia, cada participante fez um verso e passou a folha para o colega ao lado, este fez um verso e passou a folha, foi assim sucessivamente até que 8 (oito) versos tivessem sido completados, fazendo com que fossem criadas 8 poesias coletivas.



Fig. 3: Foto de Paula Liaroma (oficina de 2019).

Sempre ao final de cada rodada de poemas, fazemos a leitura dos mesmos realizando, conforme já falado, um mini sarau dentro da oficina.

A última figura, mostra como foi uma das publicações do evento no Facebook dos Poetas Papareias, em 2021.



Cláudia Borges ► **Poetas Papareias**

5 de mar • 🌐

Oficina de poesia

👍❤️ Joselma Noal e outras 4 pessoas



Curtir



Comentar



Compartilhar

*Oficina de poesia:
hora de fazer poesia
ministrada por Cláudia Borges*

dia 05/03/2021

19h

apoio:



Curtir



Comentar



Compartilhar



Fig. 4: arte de divulgação da oficina e *print* da tela, encerramento da oficina de 2021.

Considerações finais

A motivação para a realização das oficinas foi, inicialmente, voltar ao espaço de sala de aula e trabalhar com poesia, fazendo e discutindo a arte de poetar. Mas, para além do estar em sala de aula e de exercer um pouco da docência, o fazer poético foi fator relevante na criação das oficinas. As grandes surpresas que vieram desde a primeira oficina, fizeram com que a motivação só aumentasse para a continuação dos eventos nos anos subsequentes. Foi importante criar nas oficinas um espaço de sentido para a poesia, para o texto poético, ligando-o a vida social, por isso alguns temas trazidos nas fotografias eram sempre atuais, ou da região.

Os relatos dos participantes e os textos produzidos não poderiam ser mais que uma demonstração que deu certo, mesmo com um público-alvo não sendo o esperado a princípio, o aprendizado foi muito maior. Poetas buscaram se reciclar na poesia, pois precisam desse espaço de troca que foram as oficinas. Precisam desta união para exercitar o seu fazer, ler, trocar ideias e material de produção. Todo esse processo dentro das oficinas foi de suma importância.

Nesse sentido, continuo motivada a realizar mais oficinas. Agora, sem a preocupação de ter um público-alvo definido, pois o trabalho não é mais voltado para a docência e sim para os poetas que tem a intenção de escrever, divulgar e trocar experiências literárias, ou mesmo para quem por curiosidade queira começar a poetar.

As oficinas passaram por uma reciclagem ao longo dessa jornada de quase 5 anos. Passei a trabalhar mais com textos locais e mais periféricos, trazendo a decolonialidade dos saberes nas práticas da oficina e tornando esse poeta que participa parte do fazer, podendo narrar sua história através da oficina, da poesia, da publicação como (re)mediadora (Przybylski, 2018), do poeta que publica no Instagram, ou mesmo o l88que deixa guardado na gaveta.

Referências:

Aldir Blanc RG. Prefeitura Municipal do Rio Grande, 2020. Disponível em: <https://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/aldirblancrg/> . Acesso: 20 de mar. 2022.

AMÂNCIO, Hélder Pires. De(s)colonizar o conhecimento, desmarginalizar os saberes e interligar as lutas políticas do sul. In: MORTARI, Claudia. WILLMANN, Luisa. Org. **Narrativas Insurgentes: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora LTDA, 2020.

ARAÚJO, Siméia de Mello. Descolonizar a Universidade: por uma educação como prática para a liberdade. In: MORTARI, Claudia. WILLMANN, Luisa. Org. **Narrativas Insurgentes: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora LTDA, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LAMMEL, Henrique. **O que fazer em Rio Grande a mais antiga cidade do RS**. A pé pelo mundo. 2019 Disponível em: <https://apenomundo.com/brasil/o-que-fazer-em-rio-grande-a-mais-antiga-cidade-do-rs/>. Acessado em: mar. de 2021.

PRZYBYLSKI, Mauren Pavão. **Cybernarrativas pós-contemporâneas: pensando o narrador oral urbano-digital**. Curitiba: Appris editora, 2018.

ROLNIK, Raquel. **A construção de uma política fundiária e de planejamento urbano para o país – avanços e desafios**. IPEA – Políticas Sociais: Acompanhamento e análise. Fev. 2006. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4507/1/bps_n.12_constru%c3%a7%c3%a3o.pdf. Acessado em: 22 de mar. 2022.

RICHE, Rosa Maria Cuba. **Nas malhas da poesia: oficina de leitura e criação**. Signo, 45 (83), 100-110. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/signo.v45i83.14959>. Acessado em: 19 de mar. 2022.

SANTOS, Boaventura Souza. MENEZES, Maria Paula. (Org) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, Boa ventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SILVA, Wellington Augusto da; SILVA, Danisa Matias de Oliveria e. **Ler e escrever em oficina? sobre poesia e técnica**. Anais do XII Jogo do Livro e II Seminário Latino-Americano: palavras em deriva, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/xii%20jogo%20do%20livro/ANAIS%20parte%201/Ler%20e%20escrever%20em%20oficina.pdf> Acesso em: 19 de mar. 2022.